Ao assistir a este tema, logo na primeira aula, o interesse foi bastante elevado, dado que sempre associei a bíblia a uma leitura muito masculinizada.

O interesse permitiu que pudesse passar mais tempo lendo partes deste magnifico livro, seguindo as indicações da Professora Lidice Meyer.

Fez sentido considerar a historiografia...ter presente a época em que os escritos são feitos e por quem. Na verdade, o que é escrito por um homem, sê-lo-á sob um ponto de vista masculino e o que é escrito por uma mulher, sê-lo-á sob um ponto de vista feminino e se adicionarmos o momento da história em que é escrito, o contexto social, cultural, e a intenção...inevitavelmente mudaremos perspectivas.

Assim, ao ler a bíblia, o AT, por exemplo, preciso lembrar para quem o texto foi escrito, Israel acabado de ser criado. Mas, o registo deste facto ocorre muitos anos depois. É razão para lembrar o ditado: “Quem conta um conto, aumenta um ponto”. Quem escreve, fá-lo com elementos de compreensão da sua própria época.

Há que ter em conta quem o escreveu, o contexto, o momento em que o escreveu, e o que hoje nós extraímos desse mesmo texto. Precisamos considerar a antropologia e a arqueologia, para compreender.

O que se busca neste tema, considerando os aspectos anteriormente mencionados, é saber se há um papel da mulher na bíblia.

Começando pelo princípio, por *Génesis 1.27*, na criação do homem à imagem de Deus. Adam, o seu nome, sendo a melhor tradução *Humanidade.* Visitando o hebraico, verificamos que *ISH*, significa homem e *ISHA*, mulher. São dois termos usados e a partir destas duas palavras verificamos que ambas têm em comum 2 letras: Aleph e Shin. Em contrapartida, a terceira letra é diferente: yod em *ISH* e he em *ISHA*. As letras em comum mostram que homem e mulher têm características que compartilham entre si. Se espreitarmos na palavra hebraica de Deus, verificamos que Deus contém as letras que ISH e ISHA têm diferentes. Ou seja, Deus tem características femininas e masculinas. É o modelo de todos os homens e de todas as mulheres, que constituem a Humanidade. Será então natural que tal se manifeste ao longo da bíblia.

Na Torah, acerca deste assunto, desenvolve-se um pouco mais, de forma simbólica e percebe-se que se retirarmos à palavra Deus as letras diferenciadoras, temos a palavra fogo (he*+ wav*). Assim, esta parceria entre homem e mulher, caminhando lado a lado é perfeita, mas quando se perde o que os diferencia, representam o fogo devorador, o desentendimento. Esta explicação é muito profunda.

Conclui-se então que Deus tem uma imagem masculina e feminina. Na verdade, tal traduz-se na forma como na bíblia se manifestam estas imagens. A sua imagem masculina apresenta-se 11 vezes, no AT, como *Eloim, El, El-Shaddai, Adonai,* numa representação patriarcal da sociedade, como um Deus-guerreiro. A sua imagem feminina podemos encontrar em substantivos femininos como *Espirito (ruah*), apresentado 378 vezes, indicando um deus gerador de vida, semelhante a outros escritos de criação, nomeadamente egípcios. Outra imagem feminina surge como a *Sabedoria(hokmah),* como alguém que aconselha, que ampara, que cuida, uma personalidade, companheira de Deus**.** Outra representação, é a *Glória de Deus (shekhina*).

Após a entrada na Terra Prometida, estas denominações multiplicam-se. Como se a partir desse momento, Deus se passe a revelar mais como uma Mãe, cuidadora, que preserva o seu povo.

O deus-homem está mais ligado a cultura, à guerra e é menos carinhoso. O deus-mulher, está mais ligado à natureza, ao nosso cordão umbilical que nos liga eternamente à mãe, mesmo após o seu corte. Assim, é mais fácil nos aproximarmos dele, de o entendermos.

A bíblia nada refere que não sejamos nós, homem ou mulher, parece-me. Fala de homens e mulheres, feitos à semelhança e imagem de Deus. A linguagem é simbólica, sem dúvida. Por isso a explicação que foi feita durante a formação serve para melhor entender aspectos que se repetem e simbolizam este lado feminino que parece inicialmente ausente, mas está bem presente.

Considerando as imagens femininas de Deus, *feminina imago dei***,** segundo a psicologia**:**  o *sangue*, que nos leva ao *parentesco* e à importância da *matrilinearidade,* a *Rainha*, que traduz o seu *poder*, *fonte* que simboliza a *fecundidade*, a montanha que é sinónimo do *sagrado*, a t*erra* que tem diretamente a ver com *nascimento*, a *caverna* sendosímbolo *de proteção*, a *árvore* associada diretamente a *conhecimento*, o *pássaro* ligando a *espiritualidade* , a *lua* associado à *regeneração* e finalmente , a *flo*r associada à *sensibilidade*. Todos estes elementos estão presentes na bíblia.

Sob o ponto de vista antropológico, para o povo de Israel a noção de parentesco é importantíssima, porque nos liga à ancestralidade, às ligações sociais. O estatuto social é passado pela linha matrilinear, enquanto que as propriedades são passadas por via patrilinear.

Conceitos como a primogenitura cruzada, endogamia, exogamia, pai social, pai biológico e riqueza da noiva, mulher- marido, ... são importantíssimos para a leitura da bíblia e para verificarmos como a bíblia preserva a presença e o papel das mulheres em momentos decisivos, como é o caso das matriarcas: Eva, a segunda Eva, Sarai, Hagar, Rebeca, Raquel e Lia.

*Eva***,** geradora de vida, é a mãe de todos os viventes. Mostra a sua ligação a Deus, criador, ela própria gera, sustenta e regenera.

A segunda *Eva* surge na mulher de Noé, geradora de vida de uma nova humanidade. É prima de Noé, sendo por isso, um casamento endogâmico, primogenitura cruzada, ocorrendo para legitimar um novo povo que nasce.

*Sarai (a princesa*) contrai um casamento endogâmico, primogenitura cruzada, legitima a liderança a Abraão.

*Hagar (a outra*), surge como matriarca africana de nações.

*Rebeca* *(a que une*), faz um casamento endogâmico, torna-se a Mãe de duas nações, edomitas e idumeus.

*Raquel***,** *(a ovelha graciosa*) & *Lia*(a *de olhos ternos*) casamento endogâmico das irmãs com Jacó, tornam-se fundadoras das 12 tribos.

Todas estas mulheres aparecem como sendo fortes, sem se intimidarem perante qualquer situação. Todas surgem com uma intenção de legitimar os seus parceiros, como complementos. Surgem com elementos comuns, numa linguagem simbólica, mantendo características das suas culturas originais.

Tendo ouvido e refletindo sobre a apresentação da primeira aula, é impossível a partir daqui ler a bíblia sem outros olhos. Parece claro que se algum dia se argumentou que serve para legitimar o poder do homem sobre a mulher será apenas uma interpretação tendenciosa e oportunista.

Homem e mulher estão presentes neste livro maravilhoso, numa linguagem que é preciso conhecer, numa história e crença mais amplas.

Fátima Tomaz